

# Equivalências de itens, semântica e operacional da Escala Nordoff Robbins de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa

ALINE MOREIRA BRANDÃO ANDRÉ\* ; CRISTIANO MAURO ASSIS GOMES\*\* ;

CYBELLE MARIA VEIGA LOUREIRO\*\*\*

## Resumo

No Brasil, é grande a carência de instrumentos de medida validados e traduzidos para o português. Para contribuir com os estudos nesse tópico, objetivamos validar a tradução da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa e de seu manual para o português brasileiro. Como metodologia realizamos três etapas do Modelo Universalista de Validação desenvolvido por Herdman, Fox-Hushby e Badia (1998) denominadas equivalência de itens, equivalência semântica e equivalência operacional. Participaram desse estudo seis tradutores e nove avaliadores. Foram utilizados como instrumentos, a Escala e seu respectivo manual. Foi elaborada para este estudo uma Ficha para análise das traduções e um Questionário de Análise das Equivalências. De acordo com a análise das respostas coletadas dos avaliadores, a tradução dessa escala apresenta linguagem compreensível, seus itens são pertinentes para o contexto brasileiro e podem contribuir para futuras pesquisas em musicoterapia e em música.

**Palavras-chave:** musicoterapia, escala de relação criança-terapeuta na experiência musical coativa, tradução

## Item, semantics, and operational equivalences of the Child-Therapist Relationship in Coactive Musical Experience Scale

### Abstract

In Brazil, there is a great demand for measurement instruments that are validated and translated into Portuguese. In order to contribute to this subject in this research was to evaluate the translation of the Child-Therapist Relationship in Coactive Musical Experience Scale and its manual into Brazilian. As a methodology, we performed three steps of the Universalist Validation Model developed by Herdman, Fox-Hushby and Badia (1998), named item, semantic and operational equivalence. Six translators and nine evaluators participated in this study. The Scale and its respective manual were used as instruments. For this study, a Form for the analysis of the Translations and a Questionnaire for Analysis of the Equivalences were prepared. According to the analysis of the responses collected from the evaluators, the translation of this scale has understandable language, their items are relevant to the Brazilian context and may contribute to future research in music and music therapy.

**Keywords:** music therapy, child-therapist relationship in coactive musical experience, translate

## Apoio

Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).  
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

\* Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG  
E-mail: [aline.musicasax@gmail.com](mailto:aline.musicasax@gmail.com)

\*\* Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG  
E-mail: [cristianomaurogomes@gmail.com](mailto:cristianomaurogomes@gmail.com)

\*\*\* Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG  
E-mail: [cybelleveigaloureiro@gmail.com](mailto:cybelleveigaloureiro@gmail.com)

## Introdução

A Musicoterapia é uma profissão que tem se desenvolvido no Brasil e no mundo com o decorrer dos anos, tanto em atendimentos com crianças, como com adultos e idosos em diversas situações. Com o avanço das pesquisas e atuações clínicas, tornou-se necessário a criação de instrumentos de medida que pudessem avaliar a evolução de pacientes. No Brasil, conforme afirmam André (2017), André et al. (2019), Gattino et al. (2016), Gattino et al. (2010), Sampaio (2015) e Rosário (2015, 2019), ainda existem poucos instrumentos de medida que tenham sido estudados com objetivos de verificação de indícios de validade. Afim de contribuir para a validação de instrumentos de medida no contexto musicoterapêutico brasileiro, apresentaremos em nosso estudo, o processo de tradução da Escala Nordoff Robbins de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa (*The child-therapist relationship in coactive musical experience*).

Nordoff et al. (2007) relatam que a Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa foi a primeira a ser desenvolvida através de pesquisas realizadas na Universidade da Pensilvânia, na década de 1960. Inicialmente ela foi elaborada para avaliação de crianças com autismo, mas posteriormente foi atualizada, passando a ser utilizada para avaliação de pessoas com diversas condições de saúde.

Posteriormente foram desenvolvidas mais duas escalas: a escala de Comunicabilidade Musical (*Musical Communicativeness*) e a Escala de Musicabilidade: Formas de atividade, estágios e qualidades de engajamento (*Musicating: Forms of activity, stages and qualities of engagement*). A Escala de Comunicabilidade Musical já foi traduzida validada para o contexto brasileiro, conforme descrevem os autores André, (2017); André e Loureiro, (2019); André et al. (2017; 2018; 2020a).

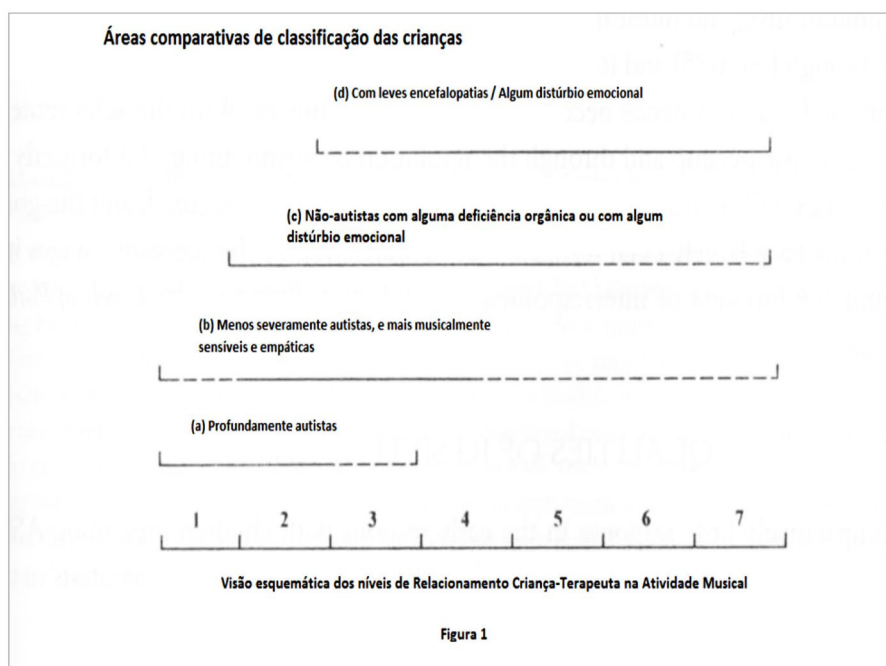
André et al. (2020b) ao realizar uma revisão sobre a utilização das Escalas de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa e de Musicabilidade: Formas de atividade, estágios e qualidades de engajamento, relatam que no decorrer dos anos o número de publicações com as escalas aumentou, inclusive no contexto brasileiro, o que sugere uma boa aceitação desses instrumentos de medida por musicoterapeutas pesquisadores.

A Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa classifica em 7 graus os níveis de participação e as características de resistividade do paciente. Nordoff et al. (2007) relatam que, durante os estudos com esta escala, perceberam que ela sintetiza os fenômenos típicos observados no desenvolvimento da relação criança-terapeuta na atividade musical coativa de quatro grandes grupos, demonstrados na figura 1. Segundo os autores, os comportamentos descritos nos níveis mais baixos da escala são manifestações de atitudes de afastamento e esquiva de pessoas com um grau de autismo mais severo—linha (a) na

figura 1. Os níveis de relacionamentos incipientes ou provisórios que podem ser aproximados com esses pacientes coincidem com os pontos de partida para o desenvolvimento do relacionamento com pessoas que apresentam comportamentos que demonstram um grau de autismo mais leve e demonstram ser mais musicalmente sensíveis ou empáticas—linha (b). O desenvolvimento do relacionamento deste grupo progride através dos níveis centrais da escala, onde é sobreposta pelas respostas de nível inferior de pessoas que não tem autismo que apresentam deficiência orgânica moderada a grave e/ou desenvolvimento emocional perturbado—linha (c). Sobrepondo esta região de interação, e completando a extensão da escala, estão as realizações de relacionamentos de vários tipos de pessoas com deficiências ou com encefalopatias leves, com ou sem algum grau de distúrbio emocional—linha (d).

**Figura 1**

Tradução nossa da visão esquemática dos níveis de relacionamento através da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa retirada da página 371 do livro *Creative music therapy: Guide to fostering clinical musicianship*. Autores: Nordoff, Robbins e Marcus (2007).



Este artigo tem como objetivo apresentar a tradução da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa realizando também as equivalências de itens, semântica e operacional da mesma para o contexto brasileiro. Tal estudo é parte integrante de uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Minas Gerais na Tradução e validação das Escalas Nordoff Robbins. Este projeto foi registrado no Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade sob o número 04167218.2.0000.5149. Adotamos

como metodologia para verificação de indícios de validade desta escala para o contexto brasileiro, o Modelo Universalista de Validação apresentado por Herdman et al. (1998), que prevê a verificação de seis equivalências: conceitual, de itens, semântica, operacional, de mensuração e funcional.

## Metodologia

**Participantes.** Fizeram parte desse estudo seis tradutores e nove avaliadores.

Todos os tradutores têm experiência em pesquisa e conhecimento de inglês e português. Com relação ao gênero, quatro eram do sexo feminino e dois do sexo masculino. Dentre eles, dois são formados em Letras, dois são formados em música e dois são formados em Musicoterapia.

Dentre os nove musicoterapeutas avaliadores, todos tem experiência de pesquisa. Os musicoterapeutas avaliadores possuem entre 2 e 25 anos de prática clínica. Com relação ao gênero, sete avaliadores são do sexo feminino e três, do sexo masculino.

**Instrumentos.** Foram elaborados para este estudo dois instrumentos: um para análise das traduções e outro para análise semântica, dos itens e para escolha do melhor formato de apresentação da escala. São eles: a ficha para análise das traduções e um questionário aplicado aos avaliadores. Tais instrumentos foram desenvolvidos com base nos questionários utilizados para avaliação das equivalências de itens, semântica e operacional da Escala Nordoff Robbins de Comunicabilidade Musical, descritos nos estudos de André (2017) e André et al. (2017).

Além desses instrumentos, também utilizamos a Escala Nordoff Robbins de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa em inglês e o manual explicativo original desta escala com seus respectivos áudios.

A Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa e seu respectivo manual original em inglês podem ser encontrados no capítulo 16 do livro *Creative music therapy: Guide to fostering clinical musicianship*, escrito pelos autores Nordoff, Robbins e Marcus (2007). Juntamente com o manual, também podem ser encontrados, nesse livro, áudios complementares ao texto. Esses áudios são exemplos clínicos da aplicação da escala e contêm trechos de atendimentos musicoterapêuticos.

Desenvolvemos para esse estudo uma ficha para análise a fim de facilitar a descrição da análise das traduções. Nela estão descritas cinco questões discursivas que permitem que o tradutor avaliador opine sobre as traduções e possíveis modificações para melhor entendimento do texto (quadro 1).

**Quadro 1**

Ficha para Análise das Traduções contendo 5 questões descritivas para arguições.

---

**Ficha para Análise das Traduções**

---

- 1- Ao ler o texto original, a tradução para o português e a retradução para o inglês, você considera que os três textos apresentam os mesmos conceitos e conteúdos semanticamente? Justifique sua resposta.
  - 2- Existe algum trecho que poderia ser melhor explicado em português para maior entendimento da Escala? Justifique sua resposta.
  - 3- Você sugere a troca de alguma palavra no texto ou na Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa?
  - 4- De 0 a 10, como você avaliaria a tradução e a versão em português do texto e da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa? Justifique sua resposta.
  - 5- Você considera que algumas partes do texto devem ser retiradas quando o capítulo for divulgado e publicado?
- 

O questionário de análise para *Equivalências de Itens, Semântica e Operacional* aplicado aos avaliadores foi elaborado com 18 questões de múltipla escolha. Abaixo de cada uma das questões, o examinador tinha a possibilidade de justificar sua resposta (quadro 2).

**Quadro 2**

Questionário de Análise para Equivalências de Itens, Semântica e Operacional.

**Questionário de Análise para Equivalências de Itens, Semântica e Operacional**

**1- Nome:<sup>1</sup>**

**2- Profissão:\***

**3 – Titulação**

**4- Sexo\***

**5- Levando em consideração sua experiência profissional no contexto brasileiro, como você avalia de modo geral os itens da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa?\***

Não pertinente  
 Parcialmente pertinente  
 Totalmente pertinente

**6- Como você avalia o domínio Níveis de participação na Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa? \***

- Não pertinente
- Parcialmente pertinente
- Totalmente pertinente

**7- Como você avalia o domínio Qualidade de Resistividade na Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa? \***

- Não pertinente
- Parcialmente pertinente
- Totalmente pertinente

**8- Como você avalia a numeração de 1 a 7 na Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa?\***

- Não pertinente
- Parcialmente pertinente
- Totalmente pertinente

**9- Como você avalia a linguagem do manual da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa?\***

- Incompreensível
- Parcialmente compreensível
- Totalmente compreensível

**10- Como você avalia a linguagem utilizada na Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa?\***

- Incompreensível
- Parcialmente compreensível
- Totalmente compreensível

**11- Você considera que a Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa pode contribuir para a musicoterapia no contexto brasileiro?\***

- Não
- Sim

**12- Você considera que a Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa pode contribuir para outras pesquisas brasileiras?\***

- Não
- Sim

**13- Você considera a validação da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa relevante para a musicoterapia no Brasil?\***

- Não  
 Sim

**14- Você considera que a Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa pode auxiliar na avaliação de pessoas com atraso do desenvolvimento, também denominado transtornos do neurodesenvolvimento?\***

- Não  
 Sim

**15- Você considera que a Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa pode auxiliar na avaliação de pessoas com outras condições médicas?\***

- Não  
 Sim

**16- Você considera que a Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa pode auxiliar na avaliação de pessoas saudáveis?\***

- Não  
 Sim

**17- Sobre a formatação da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa, qual sua preferência? (Verifique os dois modelos disponíveis no e-mail)\***

- Formatação original  
 Formato de Tabela

**18- Você gostaria de deixar alguma sugestão ou comentário?\***

*Nota.* O símbolo "\*" é utilizado para indicar perguntas com resposta obrigatória e que devem ser respondidas na ordem indicada.

**Coleta de dados.** A coleta de dados desse estudo ocorreu a partir da tradução da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa em conjunto com seu manual explicativo e aplicação de questionários.

O processo de tradução da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa foi realizado por pares e ocorreu em três etapas. A primeira etapa consistiu em traduzir o manual e a escala do inglês para o português. Na segunda etapa ocorreu a retradução do texto em português para o inglês. Os tradutores convidados para a segunda etapa não tiveram acesso à versão original do texto. Na terceira

etapa, afim de mantermos a imparcialidade de análise, outros dois tradutores foram convidados para analisar e comparar o texto original, a versão em português e a retradução para o inglês com a finalidade de avaliar se o texto apresentava as mesmas informações e se precisava ou não de modificações na escrita. Uma ficha para análise foi entregue aos tradutores da terceira etapa para que os mesmos justificassem sua opinião referente à avaliação dos textos.

Posteriormente ao processo de tradução, nove avaliadores foram convidados a ler o texto e preencher um questionário com 18 questões para avaliar a semântica, a relevância dos itens e o melhor formato de apresentação da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa para o contexto brasileiro. O questionário foi elaborado na plataforma *Google* e foi enviado por *e-mail* aos avaliadores.

**Análise de dados.** As traduções foram analisadas a partir das comparações com o texto original. Após avaliar as traduções, uma versão em português foi analisada pelos avaliadores para verificar a semântica, os itens e o melhor formato de apresentação da escala. Os dados dos tradutores e avaliadores foram armazenados na planilha eletrônica *Microsoft Excel 2019*. Ao analisar estes dados, de acordo com o Modelo Universalista de Validação desenvolvido por Herdman et al. (1998), foi possível investigar as equivalências de itens, semântica e operacional da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa. As investigações sobre as equivalências podem ser melhor explicadas da seguinte forma:

*Equivalência semântica* - Consistiu na avaliação da linguagem utilizada levando em consideração as adaptações culturais. Nessa etapa, foi verificado se a palavra utilizada para tradução definia o melhor significado ou se deveria ser substituída por outra palavra para maior interpretação da escala. Nessa etapa, foi levado em consideração a linguagem regional, o nível de formalidade, a linguagem poética e a linguagem atual para escolha da melhor palavra.

*Equivalência de itens* - Consistiu na análise pelos avaliadores, da pertinência de cada item da escala, levando em consideração as diferenças culturais.

*Equivalência operacional* - Consistiu na análise dos avaliadores sobre qual seria o melhor formato para apresentação da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa.

## Resultados

Após verificação de cada texto traduzido, não foi encontrada nenhuma falha que alterasse o sentido original da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa e de seu respectivo manual. Os colaboradores responsáveis pela avaliação das traduções consideraram que os textos apresentavam os mesmos conteúdos e propuseram apenas



modificações de algumas palavras que, segundo eles, poderiam gerar algumas confusões, mas não afetariam o sentido geral do texto. Segundo eles, a nota da tradução seria 9. Foi ainda sugerido pelos mesmos que se retirassem trechos do texto original que faziam referências a outros capítulos do livro e que necessitassem de recorrer a exemplos de áudios em inglês, uma vez que o objetivo da tradução é apenas o manual que exemplifica a utilização da escala e não todos os capítulos do livro. Essas partes foram então retiradas afim de não causar confusões no leitor que tivesse acesso a versão em português.

De modo geral, a tradução do manual e da escala foi considerada pelos tradutores responsáveis pela avaliação como uma versão fiel a original que apresentou linguagem adequada para o contexto brasileiro. As três versões: original, traduzida para o português e retraduzida para o inglês da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa foram colocadas num quadro para melhor visualização (quadro 3).

Com relação aos dados coletados por meio do questionário aplicado aos nove avaliadores, referente à análise das equivalências de itens, semântica e operacional da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa, também encontramos resultados satisfatórios. Nesse questionário, as 4 primeiras questões eram referentes a identificação, gênero, tempo de atuação como musicoterapeutas e titulação dos avaliadores.

Na quinta questão, ao serem perguntados sobre como avaliavam os itens presentes na Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa em um aspecto geral no contexto clínico, todos os avaliadores classificaram os itens como totalmente pertinente ao contexto clínico brasileiro. Como justificativa de resposta, os mesmos relataram que no contexto brasileiro, existem dificuldades em encontrar materiais traduzidos que auxiliem na prática terapêutica, e em alguns momentos, por mais que os materiais estejam traduzidos, não estão validados. Por isto, consideraram de total relevância o desenvolvimento de trabalhos que se foquem em tais temas. Eles descreveram ainda que a interação musical entre terapeuta-cliente é um aspecto chave no trabalho musicoterapêutico, principalmente com crianças autistas e pessoas com transtornos do neurodesenvolvimento. Na opinião dos avaliadores, a escala proporciona uma forma de avaliação dessa relação, sendo, portanto, muito útil para o acompanhamento do processo pois, os itens contidos na escala em questão são de fundamental importância para compreensão de como responsividade e resistividade se desenvolvem e deslocam na relação criança terapeuta ao longo do processo musicoterapêutico. Este entendimento auxilia o musicoterapeuta a fazer reflexões, tomar consciência sobre as próprias condutas e abordagens, atividades e progressões propostas e habilidades

**Quadro 3**

Comparação entre versão original, tradução, e retradução da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa.

<b>Comparação entre versão original, tradução e retradução da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa</b>			
	<b>Original</b>	<b>Traduzido</b>	<b>Retraduzido</b>
<b>Título</b>	Child-Therapist Relationship in Coactive Musical Experience	Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa	Child-Therapist Relationship in the musical co-active experience
<b>Domínio</b>	Levels of Participation	Níveis de participação	Participation's levels
<b>Domínio</b>	Qualities of Resistiveness	Qualidade de Resistividade	Resistivity's Characteristics
<b>Grau 7 NP</b>	Stability and confidence in interpersonal musical relationship.	Estabilidade e confiança no relacionamento musical interpessoal	Stability and confidence on the interpersonal musical relationship
<b>Grau 6</b>	Mutuality and co-creativity in the expressive mobility of music.	Mutualidade e co-criatividade na mobilidade expressiva da música	Mutuality and co-creativity in expressive mobility of music
<b>Grau 5</b>	Assertive coactivity. Working relationship. Self-confident purposefulness.	Coatividade assertiva. Relação de trabalho. Autoconfiança intencional	Assertive co-activity. Work relationship. Intentional self-confidence
<b>Grau 4</b>	Activity relationship developing.	Atividade de desenvolvimento da relação	Activity of the development of the relationship
<b>Grau 3</b>	Limited responsive activity.	Atividade responsiva limitada	Limited responsive activity
<b>Grau 2</b>	Wary ambivalence. Tentative acceptance.	Ambivalência cautelosa. Aceitação hesitante.	Cautious ambivalence. Hesitative acceptance
<b>Grau 1</b>	Unresponsive non-acceptance.	Não aceitação não responsiva	Non-acceptance non-responsive
<b>Grau 7 QR</b>	Through identification with a sense of accomplishment and well-being resists own regressive tendencies	A partir da identificação com um senso de realização e bem-estar, resiste as suas próprias tendências regressivas.	From the identification with a sense of accomplishment and well-being, resists to her own regressive tendencies
<b>Grau 6</b>	a) Crisis-toward resolution. b) No resistiveness	a) Crise direcionada para a resolução b) Sem resistividade	a) Crisis directed to the resolution. b) Without resistivity
<b>Grau 5</b>	Perseverative compulsiveness. Assertive inflexibility. Contest.	Compulsividade perseverante. Inflexibilidade assertiva. Contextação	Persevering compulsiveness. Assertive inflexibility. Contestation
<b>Grau 4</b>	Perversity and/or manipulateness	Perversidade e/ou manipulação	Perversity and / or manipulation
<b>Grau 3</b>	Evasive defensiveness	Defesa evasiva	Evasive defense
<b>Grau 2</b>	Anxious uncertainty. Tendency toward rejection	Incerteza ansiosa. Tendência a rejeição	Anxious uncertainty. Tendency to rejection
<b>Grau 1</b>	Apparent obliviousness. Active rejection. Panic/rage reaction when pressed	Esquecimento aparente. Rejeição ativa. Reação de pânico/ raiva, quando pressionado.	Apparent forgetfulness. Active rejection. Reaction to panic/ rage when pressed

que possam ser desenvolvidas visando facilitar, promover e ampliar as capacidades de resposta da criança. Segundo eles, a escala, com auxílio elucidativo do manual, se torna um instrumento facilitador para avaliação e classificação consistente e pertinente quanto ao nível de participação e à qualidade de resistividade da criança, percebendo-a e percebendo-se, o/a musicoterapeuta, durante o processo de desenvolvimento do relacionamento.

Na sexta questão, ao serem perguntados quanto o domínio níveis de participação da escala, 88,9% consideraram totalmente pertinente e 11,1% consideraram parcialmente pertinente. Os que consideraram parcialmente pertinente justificaram sua resposta dizendo que seria interessante ter um escopo bibliográfico maior que mostrasse o que fazer após avaliar esse critério em relação a prática dos atendimentos. Os avaliadores que consideraram totalmente pertinente justificaram suas respostas dizendo que os componentes do item em questão são bastante claros e que os níveis de participação ao longo do processo de desenvolvimento do relacionamento criança-terapeuta, incluem características diferenciadas, passíveis de serem percebidas, identificadas e compreendidas na prática clínica. Foi considerado totalmente pertinente os níveis apresentados na escala, especialmente por organizar os níveis de participação em seus estágios característicos distintos, oferecendo aos musicoterapeutas uma ferramenta consistente, criteriosa e detalhada de como o nível de participação da criança se desloca durante o processo. Permitindo, com isso, facilitar, delimitar e classificar cada nível em sua essência, de maneira não superficial.

Na sétima questão, quando foram perguntados em relação ao domínio qualidades de resistividade, 66,7% avaliadores consideraram totalmente pertinente e 33,3% consideraram parcialmente pertinente. Os que consideraram parcialmente pertinente justificaram sua resposta dizendo que em alguns graus aparecem mais de uma opção, relatando vários comportamentos, sendo mais interessante se fossem subdivididas. Os que consideraram o domínio totalmente pertinente justificaram sua resposta relatando que a qualidade de resistividade reflete aspectos multifatoriais inter e intrapessoais complexos ao longo da construção da relação entre a criança com o musicoterapeuta e elementos sonoro-musicais e que escala permite esclarecer e avaliar de modo não subjetivo os comportamentos característicos presentes em cada nível do deslocamento da qualidade de resistividade no decorrer do desenvolvimento do relacionamento e do processo musicoterapêutico. Segundo eles, a escala favorece a compreensão desta dinâmica, configurando-se uma ferramenta importante na medida em que auxilia o musicoterapeuta, do ponto de vista clínico e musical, a se manter sensível, atento, perceptivo e disponível a modificar e adequar pro-

postas e abordagens, a fim de estimular e ampliar as capacidades responsivas da criança.

Na oitava questão, ao serem perguntados sobre os 7 graus da escala, 77,8% consideraram totalmente pertinente e 22,2% consideraram parcialmente pertinente. Os que consideraram parcialmente pertinente relataram que por ter vários comportamentos em certos graus, não consideraram tão claro. Os avaliadores que consideraram totalmente pertinente relataram que em sua opinião a numeração de 1 a 7 evidencia e destaca as particularidades, características e comportamentos que identificam e distinguem cada nível de participação e qualidade de resistividade. Discrimina em graus, através de palavras e idéias chave, como se caracterizam os deslocamentos da dinâmica construção do relacionamento criança-terapeuta, a partir dos níveis de participação e qualidade de resistividade. Relacionar a ampliação dos níveis de participação e da qualidade de resistividade, numericamente, de maneira crescente facilita a associação e o entendimento. Em níveis inferiores, a criança apresenta comportamentos mais primitivos e defensivos, porém, na medida em que ganha segurança no ambiente, no relacionamento que esta se estabelecendo com o terapeuta, percebe validação de sua maneira de se expressar, se sente acolhida, respeitada, tem facilitadas a compreensão e elaboração de seus sentimentos, é estimulada, conduzida e direcionada de maneira consistente e pertinente pelo profissional através de suas propostas e abordagens; a criança se torna mais participativa. De maneira paralela, passa a se colocar com mais autonomia e auto-confiante, inclusive para manifestar e lidar com seus sentimentos e conflitos de outras formas, sendo estas cada vez mais maduras, a ponto de, como destacado no nível 7 da escala de Qualidade de Resistividade, resistir as próprias tendências regressivas a partir da percepção de bem estar e reabilitação.

Na questão 9, quando perguntados sobre a linguagem do manual, 77,8% avaliadores consideraram totalmente compreensiva e 22,2% consideraram parcialmente compreensiva. Os que consideraram parcialmente compreensiva descreveram que sentiram dificuldade em entender alguns termos, tendo a necessidade de ler duas vezes. Foi sugerido também no manual a troca da palavra "resistência," usada algumas vezes, pela padronização da palavra "resistividade," assim como usada na escala para que não haja confusão em conceitos específicos pois, os autores dessa escala eram muito claros no cuidado de não utilizarem a palavra "resistance" para que suas ideias não fossem confundidas com as fundamentações psicológicas da Musicoterapia. Os que consideraram totalmente pertinente relataram que a linguagem é compreensível para musicoterapeutas, pessoas especializadas na área em questão, que são o público-alvo de utilização da escala e que musicoterapeutas com qualificação musicocentrada compreenderão ainda

melhor alguns termos utilizados do que outros musicoterapeutas, porém isso não impede em nada a difusão da escala e utilização por qualquer musicoterapeuta. Contudo, pode ser interessante que se tenha um treinamento prévio para que a escala seja utilizada.

Na questão 10, ao serem perguntados sobre a linguagem da escala, 66,7% consideraram totalmente compreensível e 33,3% consideraram parcialmente compreensível. Os que consideraram parcialmente compreensível descreveram que pode ser interessante ter um glossário explicando alguns textos pois possivelmente por uma questão de prática, de familiaridade, houve uma dependência de recorrer ao manual para conferir e garantir que a pontuação relacionada esteja de fato adequada, conforme se descreve no manual, especialmente quando entre as pontuações 4 a 6 e, ainda mais, quando se trata da qualidade de resistividade. Os mesmos acreditam que pequenas alterações na linguagem facilitarão a compreensão da escala, tornando-a mais auto-explicativa e a avaliação mais automática e segura, sem entretanto, dispensar a necessidade de leitura inicial do manual para esclarecer sobre o caráter essencial de cada nível. Os avaliadores que consideraram a linguagem da escala totalmente compreensível relataram que assim como no manual, a linguagem implica em conhecimento técnico que um musicoterapeuta conseguiria entender.

Nas questões de 11 a 15, ao serem perguntados sobre a relevância da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa para os contextos brasileiro, clínico, de pesquisa e para avaliação de pessoas com Transtornos do Neurodesenvolvimento e pessoas com outras condições médicas, todos consideraram que a escala é adequada. Segundo os avaliadores, existe atualmente uma carência de materiais na área da Musicoterapia no Brasil, ainda mais estando traduzidos e mais ainda estando validados. Segundo eles, pesquisas como esta são de grande valia e extremamente pertinentes para o contexto brasileiro em geral pois, a partir dela, muitos outros trabalhos poderão ser desenvolvidos, além da aplicação direta de seu conteúdo na prática dos profissionais, o que gera maior credibilidade e visão para a profissão. Sobre a avaliação de pessoas com Transtornos do Neurodesenvolvimento e outras condições médicas, os avaliadores relataram que os itens avaliados pela escala conseguem evidenciar com grande maestria as características de cada paciente, levantando seus padrões e comportamentos que são relevantes para uma avaliação mais profunda sobre seus transtornos, sendo possível avaliar pessoas com qualquer condição médica, seja de ordem física, sócio-emocional, sensorial, cognitiva, ou não, apresentarão um processo particular de desenvolvimento do relacionamento paciente-terapeuta. Para tanto, os níveis de participação e resistividade são importantes para avaliar e perceber a relação paciente-terapeuta na experiência musical coativa. Um dos avaliadores ressaltou que

apesar de a escala ter o nome indicando avaliação de crianças, ele acredita que a mesma poderia ser aplicada em qualquer faixa etária.

Na questão 16, quando perguntados se a escala poderia ser utilizada para avaliação de pessoas saudáveis, 88,9% consideraram que sim e 11,1% consideraram que não. O relato que justifica a não utilização da escala esse público tem como base a opinião de que alguns domínios e critérios avaliados não são recorrentes em pessoas típicas. Os avaliadores que consideraram que a escala pode ser utilizada com pessoas saudáveis descreveram que baseando-se nas descrições dadas no Manual, é fácil identificar comportamentos que devem ser considerados comuns ou que podem apontar características que não são tão comuns assim e como toda resposta implica em decodificação da informação recebida, o tipo de resposta pode ser parâmetro para considerar a pessoa como saudável, ou não. Ainda segundo os avaliadores, os níveis de participação e a resistividade são aspectos comuns e necessários para o desenvolvimento da relação paciente-terapeuta de maneira geral. Ainda que a pessoa seja considerada saudável, há que se considerar a forma dela de participar e resistir, sua história prévia, aspectos da personalidade, enfim a singularidade de cada paciente dentro daquele processo musicoterapêutico específico.

Na questão 17, todos os avaliadores foram perguntados sobre o formato da escala, se preferiam o formato original ou o formato de tabela. Todos preferiram o formato de tabela. A versão original pode ser observada na figura 2 e a nova versão em tabela pode ser observada no quadro 4.

136

**Figura 2**

Tradução nossa do formato original da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa.

Criança: \_\_\_\_\_ Data de Nascimento: \_\_/\_\_/\_\_      Data: \_\_/\_\_/\_\_      Sessão: \_\_\_\_  
 Terapeuta: \_\_\_\_\_      Avaliador: \_\_\_\_\_      Data da avaliação: \_\_

Escala de Relação Criança Terapeuta na Experiência Musical Coativa

P / R	Níveis de Participação	Qualidade de Resistividade
(7) __/__	Estabilidade e confiança no relacionamento musical interpessoal.	Apartir da identificação com o senso de reabilitação e bem-estar, resiste as próprias tendências regressivas
(6) __/__	Mutualidade e cocriatividade na mobilidade expressiva da música.	Crise direcionada para a resolução. Sem resistividade.
(5) __/__	Coatividade assertiva. Relação de trabalho. Autoconfiança intencional.	Compulsividade perseverante. Inflexibilidade assertiva. Contestação.
(4) __/__	Atividade de desenvolvimento na relação	Perversidade e/ ou manipulação
(3) __/__	Atividade responsiva limitada.	Defesa evasiva
(2) __/__	Ambivalência cautelosa Aceitação hesitante	Incerteza ansiosa. Tendência a rejeição
(1) __/__	Não aceitação não responsiva	Esquecimento aparente. Rejeição ativa. Reação de pânico, raiva quando pressionado

**Quadro 4**

Novo formato em tabela da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa.

Versão traduzida para o português brasileiro da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa			
Autora: Aline M. B. André			
Criança:	Data de Nascimento: __/__/__	Data: __/__/__	Sessão: _____
Terapeuta: _____		Avaliador: _____	Data da avaliação: _____
Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa			
Pontuação	Níveis de Participação	Pontuação	Qualidade de Resistividade
7	Estabilidade e confiança no relacionamento musical interpessoal.	7	A partir da identificação com o senso de reabilitação e bem-estar, resiste as próprias tendências regressivas
6	Mutualidade e cocriatividade na mobilidade expressiva da música.	6	Crise direcionada para a resolução. Sem resistividade.
5	Coatividade assertiva. Relação de trabalho. Autoconfiança intencional.	5	Compulsividade perseverante. Inflexibilidade assertiva. Contestação.
4	Atividade de desenvolvimento na relação	4	Perversidade e/ ou manipulação
3	Atividade responsiva limitada.	3	Defesa evasiva
2	Ambivalência cautelosa Aceitação hesitante	2	Incerteza ansiosa. Tendência a rejeição
1	Não aceitação não responsiva	1	Esquecimento aparente. Rejeição ativa. Reação de pânico, raiva quando pressionado.

Na questão 18 os avaliadores tiveram a oportunidade de deixar algum comentário geral caso desejassem. Apenas cinco quiseram comentar. Os comentários parabenizaram a pesquisa de modo geral e um deles deu sugestões de palavras que poderiam ser trocadas no manual, tais como substituir “resistência” por “resistividade”, a fim de possibilitar melhor entendimento dos conceitos apresentados. Um outro avaliador sugeriu que fosse relatado as pessoas que forem utilizar o manual, o modo de avaliação escolhido, uma vez que o texto original em inglês permite dois tipos de avaliação: *checklist* ou avaliação diferencial. Tais sugestões foram aceitas e adaptadas ao manual da escala.

No quadro 5 é possível visualizar melhor a porcentagem de resposta para as questões 5 a 17 do questionário.

**Considerações**

Em um contexto geral, após analisar os resultados, verificou-se que a Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa pode ser considerada adequada para a utilização no contexto brasileiro em relação a semântica, itens e novo formato.

**Quadro 5**

Resposta de avaliadores para o questionário de análise de itens, semântica e operacional da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa.

<p><b>5- Levando em consideração sua experiência profissional no contexto brasileiro, como você avalia de modo geral os itens da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa? *</b></p> <p>Totalmente pertinente (100%)</p>
<p><b>6- Como você avalia o domínio Níveis de participação na Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa?</b></p> <p>Parcialmente pertinente (11,1%) Totalmente pertinente (88,8%)</p>
<p><b>7- Como você avalia o domínio Qualidade de Resistividade na Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa? *</b></p> <p>Parcialmente pertinente (33,3%) Totalmente pertinente (66,7%)</p>
<p><b>8- Como você avalia a numeração de 1 a 7 na Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa? *</b></p> <p>Parcialmente pertinente (22,2%) Totalmente pertinente (77,8%)</p>
<p><b>9- Como você avalia a linguagem do manual da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa? *</b></p> <p>Parcialmente compreensível (22,2%) Totalmente compreensível (77,8%)</p>
<p><b>10- Como você avalia a linguagem utilizada na Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa? *</b></p> <p>Parcialmente compreensível (33,3%) Totalmente compreensível (66,7%)</p>
<p><b>11- Você considera que a Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa pode contribuir para a musicoterapia no contexto brasileiro?</b></p> <p>Sim (100%)</p>
<p><b>12- Você considera que a Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa pode contribuir para outras pesquisas brasileiras? *</b></p> <p>Sim (100%)</p>
<p><b>13- Você considera a validação da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa relevante para a musicoterapia no Brasil? *</b></p> <p>Sim (100%)</p>
<p><b>14- Você considera que a Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa pode auxiliar na avaliação de pessoas com atraso do desenvolvimento, também denominado transtornos do neurodesenvolvimento? *</b></p> <p>Sim (100%)</p>
<p><b>15- Você considera que a Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa pode auxiliar na avaliação de pessoas com outras condições médicas? *</b></p> <p>Sim (100%)</p>
<p><b>16- Você considera que a Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa pode auxiliar na avaliação de pessoas saudáveis? *</b></p> <p>Não (11,1%) Sim (88,9%)</p>
<p><b>17- Sobre a formatação da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa, qual sua preferência? (Verifique os dois modelos disponíveis no e-mail) *</b></p> <p>Formato de Tabela (100%)</p>



A tradução seguiu a mesma lógica e fluência que texto original em inglês. Possivelmente por isso a tradução não tenha a mesma facilidade de interpretação que um texto escrito originalmente em português, mas a mesma pode ser compreendida por todos. As sugestões dos avaliadores de tentar simplificar a linguagem do texto foram acatadas e realizadas conforme orientação dos mesmos, sem que o sentido original do texto se perdesse. Afim de simplificar a aplicabilidade da escala no contexto brasileiro, apitamos por manter uma única forma de avaliação da escala, através de marcações no formato *checklist*. Não utilizaremos uma das opções disponíveis na versão original que permite a marcação fracionada, denominada pelos autores como avaliação referencial, por ser mais complexa.

André et al. (2020b) ao realizarem um estudo de revisão, relataram que a avaliação por *checklist* com a Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa já tem sido utilizada no Brasil com resultados satisfatórios, como podemos observar nos estudos de Freire (2014), que utilizou esta escala em conjunto com outros testes para avaliar os efeitos da musicoterapia improvisacional no atendimento de crianças com autismo, e de Sampaio (2015), que utilizou essa escala em conjunto com os estudos de validação do Protocolo de Avaliação da Sincronia Rítmica em Musicoterapia. Este modo de avaliação por *checklist* da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa também foi utilizado nos estudos de André e Loureiro (2019b) e André et al. (2018). André e Loureiro (2019b) utilizaram essa escala num estudo de caso de um paciente com autismo em conjunto com a Escala Nordoff Robbins de Comunicabilidade Musical e os Modos da Escuta de Pierre Schaeffer. André et al. (2018) realizaram a análise psicométrica da Escala Nordoff Robbins de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa através de análise de 68 vídeos de atendimentos de Musicoterapia improvisacional realizados a crianças autistas, com duração de 30 minutos. Segundo os autores, a escala apresentou boa confiabilidade interexaminadores através da correlação de Spearman ( $p < 0,01$ ) com correlações fortes em ambos domínios: Níveis de Participação ( $r = 0,791$ ) e Qualidade de Resistividade ( $r = 0,756$ ); e no total ( $r = 0,858$ ). Além disso, nesse estudo a Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa também apresentou boa correlação com outros instrumentos de medida, como a Escala de Comunicabilidade Musical ( $r = 0,824$ ), o *Childhood Autism Rating Scale* ( $r = 0,679$ ), a *Autism Treatment Evaluation Checklist* ( $r = 0,530$ ) e os *Improvisational Assessment Profiles* ( $r = 0,903$ ).

Acreditamos que, no caso da aplicabilidade da Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa por outros profissionais, pode ser necessário um treinamento, pois o teste apresenta linguagens específicas da área da musicoterapia.

Segundo análise dos avaliadores em nosso estudo, a aplicação da escala, após seu processo inicial de validação, pode se estender a diversas condições, assim como ocorre em seu contexto original, que não se restringe a uma única condição médica para sua utilização. Nordoff et al. (2007) descrevem que, embora inicialmente ela tenha sido desenvolvida para avaliação de crianças com TEA, algum tempo depois, passou a ser utilizada em diversas populações, como: crianças com esquizofrenia infantil, crianças com transtorno emocional grave, crianças com lesão cerebral, crianças com deficiência visual, crianças com paralisia cerebral, crianças com deficiência mental grave e crianças com deficiência de aprendizado com complicações de afasia. Mahoney (2010) também relata em seu estudo a utilização dessa escala no atendimento a pessoas com Transtornos do Neurodesenvolvimento. Seria interessante a realização de estudos com essa escala na avaliação de adolescente e adultos, conforme sugeriu um dos avaliadores.

Nordoff et al. (2007) deixam claro que as classificações da escala não colocam valores de desempenho no estado de responsividade da criança; elas não pretendem ser lidas como resultado de testes, ou usadas para comparar uma criança com outra. Na terapia, cada criança tem sua própria medida; pontuações de níveis inferiores de nenhuma maneira implicam menos valor no crescimento ou na realização. Eles podem, por exemplo, ser pelo menos tão significativos individualmente para uma criança autista mudar do nível 2 para o 3 quanto para uma criança, mais capaz, de mudar do nível 4 para o 5. Logo, inevitavelmente a escala registra o impacto do trabalho do musicoterapeuta. A desenvoltura do musicoterapeuta, seu estilo pessoal, experiência, e a extensão de suas habilidades clínicas e musicais podem influenciar diretamente no escopo e na qualidade de cada experiência ativa da criança, e, portanto, no caráter do relacionamento criança-terapeuta.

Em estudos futuros, realizaremos a aplicação desta escala afim de executar análises estatísticas para verificar se a mesma também apresenta equivalência de mensuração e equivalência funcional, conforme previsto no Modelo Universalista de Validação desenvolvido por Herdman et al. (1998).

Acreditamos que a Escala de Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa poderá contribuir consideravelmente com a musicoterapia no Brasil, pois, como afirma Levitin (2010), todo indivíduo percebe e reage à música de algum modo e diversos estudos descrevem que a música pode ser utilizada como ferramenta mediadora para reabilitação em diversas condições, inclusive neurológicas, pois, como relatam Wheeler (2015), Thaut e Hoemberg (2014) e Thaut (2005), a plasticidade cerebral pode ser estimulada pelo ritmo, pela sequência de movimentos e pelas funções cerebrais ativadas pela música na musicoterapia.

## Referências

- André, A. M. B. (2017). *Tradução e validação da Escala Nordoff Robbins de Comunicabilidade Musical*. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em : <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/AAGS-APCKGM>
- André, A. M. B., Gomes, C. M. A., & Loureiro, C. M. V. (2020a). Confiabilidade Interexaminadores da versão brasileira da Escala Nordoff Robbins de Comunicabilidade Musical. In *Estudos Latino-americanos em Música vol.2* (pp. 152–163). Artemis. [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_13210092015](https://doi.org/10.37572/EdArt_13210092015)
- André, A. M. B., Gomes, C. M. A., & Loureiro, C. M. V. (2020b). Estudo de revisão da utilização das Escalas Nordoff Robbins: “Relação Criança-Terapeuta na Experiência Musical Coativa” e “Musicabilidade: Formas de Atividade, Estágios e Qualidades de Engajamento.” *Revista Música (no prelo)*.
- André, A. M. B., Gomes, C. M. A., & Loureiro, C. M. V. (2019). Tradução e validação das Escalas Nordoff Robbins: “Relação criança terapeuta na experiência musical coativa” e “Musicabilidade, formas de atividade, estágios e qualidades de engajamento.” In *XIV Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais* (1a ed., pp. 486–493). Disponível em <https://abcmus.org/download/simcam-14-anais.pdf>
- André, A. M. B., & Loureiro, C. M. V. (2019a). Musicoterapia, autismo e Escala de Comunicabilidade Musical: um estudo de caso. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, XIX(23), 32–44. Disponível em <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2019/03/2-musicoterapia-autismo-e-escala-de-comunicabilidade-musical-um-estudo-de-caso.pdf>
- André, A. M. B., & Loureiro, C. M. V. (2019b). Modos da Escuta de Pierre Schaeffer e Escalas Nordoff Robbins: Um estudo de caso. *XXIX Congresso Da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação Em Música*, 1–10. Disponível em [https://www.researchgate.net/profile/Aline-Moreira-Andre/publication/335728193\\_Modos\\_da\\_Escuta\\_de\\_Pierre\\_Schaeffer\\_e\\_Escalas\\_Nordoff\\_Robbins\\_um\\_estudo\\_de\\_caso/links/5d7814374585151ee4adef96/Modos-da-Escuta-de-Pierre-Schaeffer-e-Escalas-Nordoff-Robbins-um-estudo-de-caso.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Aline-Moreira-Andre/publication/335728193_Modos_da_Escuta_de_Pierre_Schaeffer_e_Escalas_Nordoff_Robbins_um_estudo_de_caso/links/5d7814374585151ee4adef96/Modos-da-Escuta-de-Pierre-Schaeffer-e-Escalas-Nordoff-Robbins-um-estudo-de-caso.pdf)
- André, A. M., Batista, D. O., Freire, M. H., Sampaio, R. T., & Kummer, A. M. (2018). Análise psicométrica das Escalas Nordoff Robbins como instrumento de avaliação no tratamento musicoterapêutico de crianças autistas em acompanhamento no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (HC-UFMG). *Revista Per Musi*, 2018, 1–12. [doi.org/10.35699/2317-6377.2018.5273](https://doi.org/10.35699/2317-6377.2018.5273)
- André, A. M., Gomes, C. M. A., & Loureiro, C. M. V. (2017). Equivalência de itens, semântica e operacional da versão brasileira da Escala Nordoff Robbins de Comunicabilidade Musical. *Opus*, 23(2), 153. <https://doi.org/10.20504/opus2017b2309>.
- André, A. M., Gomes, C. M. A., & Loureiro, C. M. V. (2018). Reliability Inter-Examiners Of The Nordoff Robbins Musical Communicativeness Scale Brazilian Version. *11th International Conference of Students of Systematic Musicology*, 101–105. Disponível em <http://musica.ufmg.br/sysmus2018/wp-content/uploads/2018/07/Reliability-Inter-examiners-of-the-Nordoff-Robbins-Musical-Communicativeness-Scale-Brazilian-Version.pdf>
- Bell, A. P., Perry, R., Peng, M., & Miller, A. J. (2014). The music therapy communication and social interaction scale (MTCSI): Developing a new Nordoff-Robbins Scale and examining interrater reliability. *Music Therapy Perspectives*, 32(1), 61–70. <https://doi.org/10.1093/mtp/miu002>
- Freire, M. H. (2014). *Efeitos da musicoterapia improvisacional no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo*. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-9PFJSA>
- Gattino, G. S., Ferrari, K. D., Azevedo, G., Souza, F. de, Pizzol, F. C. D., & Santana, D. da C. (2016). Tradução, adaptação transcultural e evidências de validade da Escalas Improvisation Assessment Profiles (IAPs) para uso no Brasil: Parte 1. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, 20(XVIII), 92–116. Disponível em <http://>

[www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/10/5-Tradu%C3%A7%C3%A3o-adapta%C3%A7%C3%A3o-transcultural-e-evid%C3%A2ncias-de-validade-da-escala-improvisation-assessment-profiles-iaps-para-uso-no-brasil-parte-1.pdf](http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/10/5-Tradu%C3%A7%C3%A3o-adapta%C3%A7%C3%A3o-transcultural-e-evid%C3%A2ncias-de-validade-da-escala-improvisation-assessment-profiles-iaps-para-uso-no-brasil-parte-1.pdf)

- Gattino, G. S., Walter, F. F., & Faccini, L. S. (2010). Fundamentos sobre validade para o campo musicoterapêutico. In Associação Baiana de Musicoterapia (Ed.), *X EMPEMT - Encontro de pesquisa em musicoterapia* (p. 7).
- Gibbons, M., Limoges, C., Nowotny, H., Schwartzman, S., Scott, P., & Trow, M. (1994). *The new production of knowledge: The dynamics of science and research in contemporary societies*. Sage.
- Herdman, M., Fox-Rushby, J., & Badia, X. (1998). A model of equivalence in the cultural adaptation of HRQoL instruments: the universalist approach. *Quality of Life Research*, 7(4), 323–335. <https://doi.org/10.1023/A:1024985930536>
- Levitin, D. J. (2010). *A música no seu cérebro: A ciência de uma obsessão humana*. Civilização Brasileira (1a ed.).
- Mahoney, J. F. (2010). Interrater agreement on the Nordoff-Robbins evaluation scale I: Client-Therapist relationship in musical activity. *Music and Medicine*, 2(1), 23–28. <http://dx.doi.org/10.47513/mmd.v2i1.238>
- Nordoff, P., Robbins, C., & Marcus, D. (2007). *Creative music therapy: Guide to fostering clinical musicianship* (2nd ed.). Barcelona Publishers.
- Rosário, V. M. (2015). *Desenvolvimento de um instrumento de avaliação da capacidade atencional em portadores de esclerose tuberosa através de princípios de atenção conjunta e de musicoterapia*. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-A2KG4B>
- Rosário, V. M. (2019). *Proposição de uma metodologia para avaliação padronizada da atenção*. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/32087>
- Sampaio, R. T. (2015). *Avaliação da sincronia rítmica em crianças com Transtorno do Espectro do Autismo em atendimento musicoterapêutico*. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-A4CGR6>
- Thaut, M. H. (2005). *Rhythm, music, and the brain: Scientific foundations and clinical applications* (Vol. 7). Routledge.
- Thaut, M. H., & Hoemberg, V. (2014). *Handbook of neurologic music therapy*. Oxford University Press (UK).
- Wheeler, B. L. (2015). *Music therapy handbook*. Guilford Publications. <https://books.google.com.br/books?id=PVo8BAAAQBAJ>